

Erradicação fístula obstétrica: Falta de médicos especialistas condiciona cura

-Actualmente, o país conta com apenas seis médicos especializados para cobrir cerca de 2500 pacientes que anualmente registam novos casos

Eduardo Conzo, 16 de Novembro de 2018

A fístula obstétrica é apontada como uma das possíveis consequências da má assistência ao parto a que muitas mulheres de países em vias de desenvolvimento estão sujeitas sempre que se dirigem às unidades sanitárias para assistência em todo o processo que culmina com o aparecimento de uma nova vida.

A fístula, segundo se sabe, é uma lesão entre a bexiga e a vagina ou entre o reto e a vagina, provocada por um parto demorado e mal assistido. Frequentemente, as mulheres que passam por esta realidade sofrem grave estigma social em virtude do impacto da sua doença na sua vida interpessoal.

No país, estima-se que são registados 2.500 novos casos de fístula anualmente. Entretanto, o Sistema Nacional de Saúde diz não dispor de pessoal médico especializado para atender a demanda.

Refira-se que Moçambique tem apenas seis médicos especialistas que devem assistir 2.500 pacientes que, anualmente, dão entrada nas unidades hospitalares. Adicionados a este universo, fala-se de, pelo menos 1.500 pacientes que permanecem na fila de espera. É que, tal como disse Igor Vaz, director do Serviço de Urologia do Hospital Central de Maputo, anualmente, são atendidos 400 a 500 pacientes, dos 2.500 que dão entrada nas unidades sanitárias, ficando de fora cerca de duas mil.

“Anualmente dão entradas de 2.500 pacientes, mas a nossa capacidade é de operar 400 a 500 pacientes porque temos poucos médicos. Temos seis médicos, precisamos de 20 vezes mais do que temos hoje porque número de pacientes não atendidos acaba ficando acumulado”, disse o director do Serviço de Urologia do Hospital Central de Maputo.

Mais adiante, Igor Vaz, explicou enquanto continuar o défice de médicos, o Sistema Nacional de Saúde, através da Focus Fístula Moçambique, uma associação moçambicana cujo objectivo é erradicar a fístula obstétrica em Moçambique, tem vindo a engajar-se em palestras para

sensibilizar as comunidades no sentido de evitar gravidezes precoces e aderirem aos partos hospitalares para evitar infecções que causam a doença.

A informação foi dada a conhecer, ontem, em Maputo, por ocasião da realização do primeiro Congresso de Urologia Luso-Moçambicano, organizado em conjunto com o Ministério da Saúde e da Focus Fístula, que reúne cirurgiões e urologistas de topo para a partilha de experiências no tratamento de patologias urológicas, onde se inclui a fístula obstétrica.

Intervindo no encontro, o representante das Nações Unidas para a População (FNUAP), Andréa Voinot, disse que fístula obstétrica é um exemplo de violência contra as mulheres, “violência que leva as futuras mães saudáveis a se juntarem a outras portadoras de deficiência da sociedade”.

mediaFA, X nº. 6692 , Pág. 4